

O povo só queria ver de perto seu líder

começaram a chegar mais autoridades. Só a elas era permitida a entrada no velório, por uma porta nos fundos do palácio. A multidão lá fora continuava inquieta. Os policiais da PM recebiam reforços. Mas ainda reinava a calma dentro do palácio. Os repórteres

hesitavam entre procurar trabalhar junto das autoridades ou da multidão que ameaçava estourar os portões.

A homenagem a Tancredo se transformaria em tragédia meia hora depois de iniciado o velório. As grades e portões cederam à pressão da multidão, que daí em diante não seria mais contida. Durante algumas horas, os casos de pisoteamento se sucederiam.

Logo no início, o locutor que desde cedo organizava a cerimônia através dos altofalantes, tentou contê-la puxando o Hino Nacional. Não emocionou o povo e foi até o fim solitário. Hélio Garcia fez a sua tentativa: "Mineiros, é o governador que vos fala". Também não obteve sucesso. A confusão já era total. Centenas de policiais cruzavam os jardins para reforçar os que tentavam conter a multidão e para socorrer os feridos, que eram muitos.

O discurso

Durante algum tempo parecia que a situação estava fora de controle. As autoridades que estavam dentro da sala onde se realizava o velório, começavam a se retirar pelos fundos, como entraram. E os altofalantes anunciavam: dona Risoleta vai falar. E pedem calma. Pela primeira vez em todo o dia o som montado para orientar o povo não irrita ao não tocar música:

— Mineiros, mineiros. Minha gente, meu povo querido, dizia ela com a voz embargada. Eu quero que todos estejam juntos daquele que deu a sua vida inteira para vocês.

Durante o discurso, a polícia conseguiu fechar os portões. A ameaça de invasão estava contida. Um portão lateral é aberto para que se inicie a visitação pública. Os populares são conduzidos rapidamente. A sala onde está o corpo é pequena. No centro está o esquife. Aécio, o neto, é o único membro da família presente. O povo, ao passar, tem em primeiro plano o corpo do avô, em segundo, o seu rosto emocionado. Uma moça simples do povo passa e mostra a ele um cartaz: "Homenagem a Tancredo. O homem que não governou, mas ensinou a governar".

O herdeiro não consegue esconder a emoção: contrai os lábios com os dentes e seus olhos, já vermelhos, ameaçam soltar as lágrimas contidas. Lá fora, a confusão continua: os policiais ainda carregam feridos, dona Risoleta volta aos altofalantes. Pede calma, procura transmitir paz. Mas nada deve impedir que o povo continue a visitar o corpo de Tancredo Neves até esta manhã. Com a presença do neto, o homem que ele pretendia preparar para se tornar seu herdeiro.

Rodrigo Lara Mesquita

que espera um milagre. Que acredita que um homem possa resolver todos os seus problemas. Que são tantos.

— Ele era um homem bom. Muito católico.

Era o que dizia Abílio, o homem que cuida das plantas do Palácio da Liberdade há 29 anos, enquanto ajudava a distribuir as coroas de flores enviadas para o velório. Dezenas de policiais da PM circulavam nos fundos do palácio. Nada dava a impressão de que o último dia de Tancredo Neves em Belo Horizonte seria marcado por outro fato que não fosse a reverência.

A primeira ameaça

Quando o carro do Corpo de Bombeiros que trazia o esquife atravessou a alameda da palmeiras imperiais e estacionou na praça, em frente ao palácio, a multidão aplaudia. E acenava com bandeirinhas e lenços brancos. Dona Risoleta, classificada pelo locutor oficial como a "dama de ferro", foi a primeira a entrar na sala onde o corpo ficaria exposto à visitação pública. Atrás, vinham o neto Aécio, a família, algumas autoridades e os governadores Franco Montoro e Hélio Garcia. Os portões do palácio foram fechados e a primeira ameaça de uma tragédia, contida. Mas a multidão continuava inquieta. O relógio marcava 15 horas.

Com a chegada do corpo e da família,

A banda da Polícia Militar de Minas Gerais tocava a "Marcha Fúnebre" de Chopin e os cadetes que carregavam o corpo do homem que sintetizou todas as esperanças dos brasileiros, nos últimos meses, já estavam para subir os degraus da porta de entrada do Palácio da Liberdade, quando a atenção de todos foi desviada pelos gritos da multidão que esperava lá fora. O povo queria ver Tancredo Neves.

Quem viu esse povo sofrido com a cara triste chegando desde cedo à praça da Liberdade, para esperar o líder morto, jamais imaginaria que o dia iria terminar em tragédia. Eles chegavam escutando "Coração de Estudante", propagado por um sofrível conjunto de alto-falantes dirigidos para a praça, e a música era interrompida de tempo em tempo para a transmissão de informações sobre a viagem que o líder fazia de Brasília para Belo Horizonte.

E quem estava lá fazia a comparação inevitável. No Palácio do Planalto, políticos de todo o País e de todas as facções. Grandes empresários, artistas e jornalistas. Aqui, em Belo Horizonte, autoridades locais, artistas ausentes e um número bem menor de jornalistas. Lá, a certeza de que o futuro do País estava sendo discutido em todos os níveis. E todas as atenções estavam voltadas para a preservação do delicado equilíbrio de forças estabelecido pelo líder morto. Aqui, o povo. A emoção desta gente



Belo Horizonte: por todo o trajeto do corpo, muitas homenagens.